

A Jennifer Chan não está sozinha



AUTORA
VENCEDORA
Newbery
Medal

TAE
KELLER

*Para a menina que eu era aos 12 anos
— um livro que levou 15 anos a escrever.*

AGORA



O fim de tudo começa com um zumbido. Sabes qual é — aquele zumbido tipo inseto que nos faz bater mais depressa o coração, que nos diz que alguém quer a nossa atenção.

Por isso, se calhar devo antes dizer: o fim de tudo começa com uma mensagem de texto.

Mas já lá vou daqui a nada. Porque agora, neste preciso momento, estou aqui: sentada entre a Tess e a Reagan, na capela da nossa escola, com as pernas transpiradas contra o assento de madeira e a camisa colada às costas. As ventoinhas do teto estão a funcionar, mas não são suficientes para o calor desta pequena cidade da Florida, mesmo em outubro.

A Reagan abana-se com o programa do concerto e faz de conta que está a adormecer. Até finge que ressona baixinho.

A Tess abafa o riso e eu arregalo-lhes os olhos — um olhar que diz, *Comportem-se ou arranjamos chatices!*, mas também, *Têm toda a razão. Que seca monumental.*

Consgo dizer muitas coisas sem falar, o que dá muito jeito nestes concertos de orquestra noturnos.

E vou ser sincera: a Reagan pode ser um pouco dramática, mas não está totalmente errada. Vimos a estes concertos porque a irmã da Tess está na orquestra e não podemos deixar a Tess vir sozinha. Mas o problema da orquestra da Escola Básica Gibbons Academy é que, em vez de aprenderem músicas novas, tocam as mesmas canções de Natal durante todo o ano, todos os anos. A partir da milionésima apresentação de *Silent Night*, isso torna-se... demasiado.

Mas, secretamente, acho que há algo de reconfortante nas notas e na familiaridade. E hoje, em especial, agrada-me a repetição.

Hoje estou aprisionada numa batalha com o meu cérebro, a pensar no Incidente de sexta, mas também *a não pensar nisso*. O meu pensamento anda à deriva, flutuando naquela sensação de que estou a liquefazer-me. E, depois, tenho de o arrastar de novo para o concerto desta noite muito normal e muito secante. *Vês? É a Silent Night. Igual a sempre.*

E é aí que o telemóvel da Reagan vibra.

A mensagem que é o fim de tudo.

Mas, nesse momento, ainda não sei que é uma mensagem fim-de-tudo. A orquestra começa a tocar *Hark! The Herald Angels Sing*, e vejo a Reagan a tirar o telemóvel do bolso.

Por uma fração de segundo, ela franze a testa ao ver o nome no ecrã. Depois, muda de expressão, como se pensasse que teve a reação errada. Sorri e levanta as sobrancelhas até desaparecerem sob a franja castanho-escura. Os seus olhos azuis brilham. São o tipo de olhos que dizem: *Tenho um segredo.*

— É o Pete — murmura.

Sentindo uma onda de alívio, envio um agradecimento ao Universo. É a distração perfeita. Ao contrário do Incidente,

o drama da Reagan com o Pete é previsível e inalterável. É tão familiar como uma canção de Natal.

— *A sério?* — sussurra a Tess, demasiado alto.

Da fila à nossa frente, um pai manda-a calar, e a Reagan revira os olhos antes de olhar para a mensagem do Pete.

À medida que lê, os seus ombros contraem-se. Não diz nada. Não se mexe. Mas o seu olhar move-se ao longo do ecrã, como se estivesse a ler a mensagem vezes sem conta. Tento espreitar por cima do seu ombro, mas ela afasta o ecrã de mim.

Apercebo-me do meu erro tarde demais. Aquele movimento impercetível, aquele desvio do ecrã, mostra à Tess que talvez haja ali alguma bisbilhotice interessante — e agora ela não vai largar o assunto.

— O que diz ele? — pergunta. — Vá, tens de contar?

Uma coisa que é preciso saber sobre a Tess: todas as frases que lhe saem da boca são perguntas. Mesmo quando faz afirmações, termina-as com pontos de interrogação.

Inclina-se sobre mim para ficar mais próxima da Reagan, e eu tento afastá-la. A Tess é toda ela pernas compridas, braços compridos, alta, magra e angulosa. Neste momento, o seu cotovelo está espetado na minha barriga e os seus caracóis ruivos colam-se ao meu *lip gloss*.

— Tess, para — digo-lhe.

Distraio-me com ela e, por isso, demoro um momento a perceber a reação da Reagan. Ela aperta os lábios e fica tão pálida que as sardas que tem espalhadas pelas bochechas parecem pintas escuras de tinta. É uma expressão que só lhe vi uma vez antes. Uma única vez, durante todo um ano em que fomos melhores amigas.

A Reagan está assustada.

Sinto o bater do coração nos ouvidos, e digo-lhe que pare de ser tão dramático.

— Talvez seja melhor guardares o telemóvel — sugiro à Reagan. Não posso negar que estou curiosa, mas, depois da semana passada, não tenho disposição para coisas intensas.

— Hum, *não* guardas nada o telemóvel? — diz a Tess. — Porque tens de nos dizer o que se passa?

O mesmo pai vira-se para nos mandar calar uma segunda vez, mas a Reagan ignora toda a gente.

Troca várias mensagens com o Pete até que, finalmente, levanta a cabeça.

— Há carros da polícia parados à porta da casa da Jennifer — sussurra.

De facto, nada normal.

— Não — digo eu. Pelo menos, acho que digo. Porque me *ouço* falar, mas não registo que palavra disse. Tento encontrar uma explicação razoável. — Achas que a polícia ia só... a passar? Ou talvez... achas que...?

— A Jennifer contou à polícia o que nós fizemos? — interrompe-me a Tess. — Tipo, eles vêm buscar-nos?

Quem me dera que a Tess tivesse esperado mais um pouco. Quem me dera que tivesse esperado um segundo antes de tirar conclusões precipitadas. Não consigo processar.

A minha perna direita começa a tremer e o meu coração bate tão alto que nem consigo...

Mas não, não. Não faz sentido. Não podemos ir *presas* por causa do Incidente. Quero dizer, não foi uma coisa boa. Não é o meu pensamento preferido. Mas não foi assim tão mau. Não foi *ilegal*.

— Não seas parva — diz a Reagan, e não consigo evitar um recuo pela forma como ela pronuncia aquela palavra, com as consoantes duras e brutas. *Par-va*. — A polícia não foi lá por causa de nós.

— Então, o que...? — começa a Tess, mas o telemóvel da Reagan vibra de novo.

Ela fixa o olhar no ecrã enquanto nos sussurra:

— O Pete não devia saber disto, mas ouviu o pai falar.

O pai do Pete é o chefe de polícia da vila, por isso o Pete sabe sempre mais do que devia.

A Reagan engole em seco.

— A Jennifer está desaparecida.

Deixo as palavras assentarem, pesadas e geladas. O calor e a humidade já não me atingem.

— Está desaparecida — repito.

Tento perceber aquilo, mas é tão esquisito. Nunca acontece nada nesta vila. Nunca acontece nada na Terra-do-Nada.¹

A Reagan olha para mim e, para lá do seu olhar petrificado, há um desespero que só eu consigo ver. Os seus olhos dizem: *Preciso de ti*.

— A Jennifer deixou um bilhete que dizia que ela ia fugir.

— Ela fugiu. — Parece que só consigo repetir o que a Reagan diz.

Inclinando-se, a Tess pergunta:

— E ela disse *porquê?*

A Reagan pestaneja, como se se tivesse esquecido de que a Tess estava ali, mas tenho de reconhecer que estou contente por ela ter feito a pergunta. Também preciso de saber.

¹ No original, Nowhereville, de *nowhere* (nada) e *ville* (lugar), que é um jogo de palavras que remete para o nome da cidade: Norwell. [N. T.]

A Reagan abana a cabeça.

— Não sei. O pai do Pete não lhe mostrou o bilhete.

Talvez não seja justo, mas, de repente, estou furiosa com o Pete. Odeio-o, mesmo a sério. Porque contou uma coisa destas à Reagan se não sabe a história toda? Porque lhe contou isto sem ter esse *pedaço crucial de informação*?

— Oh, caramba — diz a Tess. — Vocês acham que isto é, tipo, a vingança da Jennifer?

Pensar naquilo deixa-me zozna.

— Vocês acham que a Jennifer está a tentar vingar-se de nós? — insiste a Tess. — A tentar meter-nos em sarilhos?

Estas perguntas cilindram os últimos resquícios de calma e qualquer tentativa de normalidade. Sinto a barriga às voltas.

A energia dentro da capela altera-se e reparo nos sussurros. Quase parece que as novidades sobre a Jennifer são uma coisa física. Vejo-as moverem-se pela capela: nós soubemos primeiro. Depois, o Kyle — o melhor amigo do Pete — olha para o telemóvel e murmura para um dos seus amigos.

O Kyle escreve para alguém, e a sua namorada-de-há-dois-dias recebe um *ping* e sobressalta-se, e a seguir todas as miúdas da equipa começam a sussurrar.

Vejo as novidades a espalharem-se por entre os estudantes. Nem todos estão aqui esta noite, mas estão os suficientes. Antes de esta noite chegar ao fim, quase toda a gente saberá.

As notícias avançam em ondas de popularidade por entre as filas, e alguns dos miúdos viram-se para a Reagan e para mim, quase como se quisessem perguntar-nos o que fazer. Sob o seu olhar, sinto-me cheia de comichão e a tremer, como se não tivesse controlo sobre o meu corpo.

Rapidamente, as notícias chegam aos pais, que murmuram entre si.

As novidades espalham-se depressa na Terra-do-Nada. É algo que é preciso saber.

Ouço o seu nome, primeiro dito baixinho, depois mais alto. «Jennifer, Jennifer, Je-nni-FER.» É impossível escapar-lhe. Está em todo o lado.

Mas ela não está aqui.

Um pai dirige-se lá à frente e fala com o maestro, que interrompe a música. Telemóveis tocam. Pessoas falam.

O mundo está demasiado ruidoso.

E ouço, vezes e vezes sem conta: «A Jennifer Chan fugiu. A Jennifer Chan está *desaparecida*.»

O fim de tudo começa discretamente, com um zumbido que mal se ouve. Mas não termina assim, nem por sombras.

AGORA

((((((2))))

Depois disto, o concerto termina de forma abrupta. Toda a gente começa a movimentar-se ao mesmo tempo, e a mãe da Tess apressa-se a chegar até junto de nós.

— Oh, que notícias horríveis — diz ela, pondo a mão no ombro da filha. A mãe da Tess é aquele tipo de pessoa que parece ter sempre uma opinião audível e uma reação exagerada a tudo, mas, esta noite, a sua reação não parece suficientemente grande. — Vou levar-te a ti e à tua irmã para casa.

— Mas as minhas amigas precisam de mim — protesta a Tess, os olhos cheios de medo, confusão e também um certo tipo de excitação.

Sinceramente, é um alívio quando a mãe dela a leva e elas desaparecem na multidão, numa mistura de pânico, dúvidas, sugestões, mãos em frente à boca e palmas junto ao coração.

Viro-me para a Reagan.

— O que é que vais fazer?

A Reagan abana a cabeça. Verifica o telemóvel outra vez. Mas não há nada do Pete, nenhuma mensagem que, de forma mágica, explique tudo.

— Ainda vais dormir lá a casa, não vais? — Ouço o timbre de desespero na minha voz, mas, por uma vez, não tento disfarçá-lo. Violinos gritam-me na cabeça. Os limites do mundo desfazem-se.

A Reagan franze as sobrancelhas.

— Mallory. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Certo. Vai ficar tudo bem. É só mais uma noite. Como qualquer outra.

A mãe aparece do nada.

Não. Não é verdade. Não é do nada.

A mãe aparece do seu lugar ao fundo da capela, coloca um braço à volta da minha cintura e conduz-me para longe da minha amiga.

— Precisas de ar fresco — diz-me ao ouvido.

— Espera — respondo. — Eu preciso da Reagan.

Porque olho à minha volta e, de repente: *A Reagan está desaparecida!*

Mas não. Isso também não é assim. Ela está no sítio onde a deixei, a fazer uma careta enquanto olha para o telemóvel.

O meu cérebro não está a funcionar lá muito bem.

A mãe guia-me através de uma multidão caótica até a uma esquina mais calma. Depois, ajoelha-se à minha frente e segura-me a cara entre as mãos:

— Como te sentes? Sentes-te a desmaiar?

Fecho os olhos com força e espero que as manchas parem de dançar atrás das minhas pálpebras.

— Só desmaiei daquela vez — digo-lhe. — Não é sempre.

A mãe fica séria. Percebo claramente que quer dizer-me qualquer coisa, mas o pai que nos mandou calar aproxima-se de nós e toca-lhe no braço.

— Alguns pais estão a organizar um grupo de busca — diz ele. — E precisamos do maior número possível de pessoas.

Vejo estrelas.

— Dá-nos uns minutos — responde a mãe. Depois de ele se afastar, ela repete o mantra da «Preocupação com a Mall»: — Respira fundo, Mallory, respira fundo.

— Não consigo... — começo a dizer. Não consigo organizar os pensamentos. As perguntas aparecem-me na cabeça e desaparecem ainda antes de eu conseguir juntá-las: *Porque fugiu a Jennifer? Para onde foi? Contou a alguém o que nós fizemos?*

A mãe agarra-me no pulso com tanta força que sinto a minha pulsação nos seus dedos.

— Oh, querida. Eu sei como isto é assustador. Eu sei, eu sei.

— Onde está a Reagan?

Perdi-a de vista na capela, e ela não nos seguiu através da multidão.

A mãe recua.

— Não tens de te preocupar com a Reagan. Ela está bem. Os pais da Tess vão levá-la a casa. Eu sei, eu sei que estás preocupada com a Jennifer, mas não tens de te preocupar com a Reagan agora.

— Vão levá-la a casa? Mas ela ia dormir a nossa casa.

Sei que pareço ridícula, mas a Reagan tem aquela coisa de melhor amiga de conseguir ver o meu cérebro e saber o que estou a pensar — mesmo antes de eu o saber. Só quero ficar acordada até tarde com ela, a falar repetidamente sobre o que acabou de acontecer.

A paciência da mãe esgota-se.

— Mallory, a Reagan está bem.

Ela respira fundo. *Respira fundo, mãe, respira fundo.*

— Eu sei que isto é assustador. Sei que estás preocupada com a tua amiga.

Primeiro, acho que ela está a referir-se à Reagan, mas não. Claro que está a referir-se à Jennifer. *A minha amiga.*

Estas palavras fazem o mundo girar à minha volta. Por um segundo, estou de volta àquela casa de banho, a que está sob os meus pés, na cave desta capela, e revivo o Incidente. As palavras da Reagan ecoam na minha memória: *Quem pensas que és?*

E então abano a cabeça, regresso e estou outra vez na capela.

A Jennifer Chan fugiu.

Que tipo de pessoa *foge?*

— Estou aqui, querida — diz a mãe, apertando-me o braço. Filosoficamente, a mãe não acredita em mentir-me, por isso não me diz: «Vai ficar tudo bem.»

Olho por cima do ombro dela para o grupo de vizinhos e professores: o grupo de busca. Um grupo de busca na Terra-do-Nada, onde é impossível escondermo-nos.

E percebo que tenho medo do que possam encontrar. Tenho medo pela Jennifer, pela Reagan, por mim. Medo daqui até Júpiter e voltar.

Quero mergulhar nos braços da mãe e senti-la a abraçar-me e a apertar-me com força. Mas ainda estou na escola e rodeada de colegas, por isso fecho só os olhos e concentro-me na mão dela a agarrar-me o braço.

Quando falo, a minha voz não parece minha. Parece igual à da Reagan — a meio caminho entre um sussurro e um soluço.

— Ela vai voltar?

A mãe não me mente. Esfrega o polegar no meu braço e responde:

— Não sei.

ANTES

((((3))))

Se um zumbido é o fim de tudo, então uma tarte é o princípio. Porque, na manhã em que a Jennifer Chan chegou à Terra-do-Nada, a mãe fez uma tarte.

Uma coisa que é preciso saber: quando a mãe faz sobremesas, é sempre mau sinal. Quando ela tem uma sobremesa nas mãos, era melhor que tivesse um sinal na testa a dizer: APROXIMAR COM CUIDADO.

A mãe estava de costas para mim quando entrei na cozinha e, assim que vi a tarte, virei-me imediatamente, mas o pai levantou a cabeça e apanhou-me.

— Bom dia, Mallory — disse ele, sentado à mesa, servindo-se do que devia ser a sua terceira caneca de café. — Tiveste uma boa noite?

Entreí na cozinha com passos calmos e cuidadosos, como se estivesse a aproximar-me de um animal feroz coberto de açúcar.

— Dormi ok.

A mãe sacudiu a farinha das mãos e virou-se para mim.

— *Bem*, Mallory, dormiste *bem*. — Depois, franziu a testa.
— O que tens na cara?

Baixei o rosto. No início do verão, antes de ir para Filadélfia passar um mês com a Kate, a irmã mais velha, de 22 anos, a Reagan tinha começado a usar maquilhagem. Como prenda, oferecera-me um lápis de olhos que tinha a mais.

Não é que eu usasse muito. Só um bocadinho, debaixo das pestanas inferiores, para fazer com que os meus simples olhos castanhos parecessem maiores. Com a Reagan, eu sentia-me o máximo, como se pudesse passar por 14 anos em vez de 12.

Mas a mãe fazia-me sentir como se eu estivesse a brincar ao faz de conta. De repente, os olhos ardiam-me, quase em lágrimas. Ultimamente, isto acontecia-me muito com a mãe.

O pai disse, na sua típica linguagem de pai:

— Está a explorar uma expressão exterior do seu eu.

Aquilo ainda me fez sentir pior. Não era uma expressão exterior de nada. Era só *maquilhagem*.

A mãe lançou um olhar ao pai, como se dissesse, *Discutimos isto mais tarde*, e pigarreou:

— Enfim, ainda bem que te levantaste. Ia agora mesmo dar as boas-vindas a Norwell aos nossos novos vizinhos.

— Oh, meu Deus — disse eu. — Vais conhecer a *Jennifer Chan*? — Foi algo embaraçoso, porque a minha voz passou a um murmúrio quando disse o nome dela. Não pude evitar. Depois de todos os boatos, ela era praticamente uma celebridade.

A mãe franziu o sobrolho.

— Sim, e a mãe dela. Podes vir comigo.

As novidades eram cada vez melhores.

— Quer dizer que serei a primeira miúda na Terra-do-Nada a conhecê-la?

O pai deu um gole no café para esconder um sorriso.

— Tenta não chamar Terra-do-Nada à nossa vila em público, Mall. É um bocado negativo.

Assim de repente, o mal-estar da conversa sobre maquiagem evaporou-se. Porque isto era do melhor. Eu ia poder confirmar os boatos *em primeira mão*. Tinha de mandar mensagem à Reagan. Ela ia ficar cheia de inveja.

Quando a Sra. Martin, a nossa vizinha velhota da casa em frente, morreu (RIP), começámos à espreita, para ver quem ocuparia a casa a seguir. Ninguém novo tinha vindo viver para a nossa vila desde a Reagan e o pai dela, e todos nós, miúdos, esperávamos que fosse alguém da nossa idade, alguém que trouxesse algum interesse acrescido.

No final de contas, acabámos por ter sorte outra vez, porque primeiro veio a Reagan, e agora a Jennifer Chan.

E, claro, os boatos começaram depressa. Mesmo antes de ela ter chegado, já ouvíamos histórias:

«A Jennifer Chan deu cabo de um miúdo na sua antiga escola com golpes de karaté e deixou-o todo engessado.»

«A Jennifer Chan mudou-se para a Terra-do-Nada para fugir do reformatório.»

«A mãe da Jennifer Chan é, na verdade, uma assassina procurada pelas autoridades, e elas tiveram de arranjar identidades secretas.»

«Jennifer Chan nem sequer é o nome verdadeiro da Jennifer Chan!»

Na Terra-do-Nada, há sempre alguém a dizer alguma coisa, e ninguém sabe o que é verdade ou não. Mas a verdade nem sempre interessa. Às vezes, é a ideia de alguém, e daquilo que se diz sobre ela, que interessa muito mais. Porque,

pensando bem, não é isso que todos somos, um conjunto de coisas que as pessoas pensam sobre nós?

— Parece que ela partiu um miúdo com golpes de karaté e o deixou todo enegessado — disse eu aos meus pais.

O pai soltou uma risada para dentro da caneca de café, mas a mãe bateu com a tarte no balcão da cozinha. Tentei ignorar o cheiro que emanava dela: maçã e canela, a minha preferida.

— Esse é um boato ridículo — respondeu ela, apontando-me um dedo. — E tu sabes disso.

— Só estava a dizer — murmurei, olhando de relance para o pai, procurando apoio. Ele limitou-se a erguer as sobrancelhas, como quem diz: *Estavas a pedi-las*.

Ultimamente, todas as conversas com a mãe acabavam em discussões ou sermões, como se ela não confiasse na minha própria capacidade para ser uma pessoa decente.

A mãe continuou, com a voz a ficar mais aguda e seca:

— O que eu acho mais *interessante* é que este boato tenha que ver com esta pobre miúda desancar alguém com «golpes de karaté». — Por alguma razão, a mãe nunca tinha aprendido a fazer aspas com os dedos, e fazia-as só com um dedo de cada mão. Costumávamos rir-nos disso em família, mas agora já não.

— Sim, mãe. Eu sei. Já percebi. Só que...

Como é que havia de lhe explicar os boatos? Ninguém queria ser *maldoso*. Só estávamos interessados.

— Isso é um estereótipo racista, Mallory, e espero que te manifestes contra isso.

— Mas, mãe, ela faz *mesmo* karaté. Eu e a Reagan vimos no *Google*.

A mãe fungou, e eu percebi instantaneamente que tinha dito a coisa errada. A mãe tem ascendência coreana, e o sonho da sua vida era ter sido professora de Estudos Asiático-Americanos e ativista, mas quando o pai foi contratado como professor de Filosofia pela Florida Southern University, ela acabou por arranjar emprego no departamento de admissões. Esta universidade não tem departamento de Estudos Asiático-Americanos.

— Bem, *ainda assim* — disse a mãe, como se tivesse chegado onde queria. Pegou na tarte e endireitou-se um pouco. — Vamos lá conhecer as novas vizinhas. Quero que sejas simpática e recetiva, Mallory.

Tentei dizer que sou, mas as palavras não me saíram. De qualquer forma, de que serviria, se ela já tinha uma ideia feita sobre mim? Se já tinha decidido, num momento qualquer, que eu *não* era simpática e recetiva?

Engoli em seco, segui-a até à rua e atravessámos a estrada. Não interessava o que a mãe pensava de mim. Eu teria, na mesma, uma boa história para contar na escola.

Eu seria, na mesma, a primeira do 7.º ano a conhecer a Jennifer Chan.

A Jennifer desapareceu e há muitas razões possíveis para isso.

A Jennifer Chan acaba de se mudar para a cidade. Ela não se preocupa com as leis da escola, nem com as leis do Universo.

A Mallory Moss conhece bem as regras e a mais importante é: para sobreviver, tens de te integrar e ser como os outros membros do grupo.

Um lema que não parece aplicar-se à Jennifer.

Toda a comunidade fica em sobressalto quando a Jennifer desaparece. É então que a Mallory vai à sua procura e se confronta com os motivos que podem ter levado a Jennifer a fugir... e com as incómodas verdades escondidas dentro de si.






Tae Keller ilumina a escuridão com esta belíssima história sobre o que é certo e errado, a complexidade das amizades, as consequências imprevisíveis do *bullying* e o poder que todos temos de nos mudarmos uns aos outros.

**Uma narrativa profundamente humana,
para leitores de todas as idades,
que nos revela a imensidão do universo
e de nós mesmos.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN 9789897877346



9 789897 877346 >